o real na clínica



lacan na escola do saber do sujeito psicótico

BERNARD NOMINÉ

POR MAIS QUE LACAN seja considerado um teorico formidável da psicanálise, não se pode ignorar que ele foi, acima de tudo, clínico. Lacan fez escola no nível da clínica, que ele nunca hesitou em transmitir por meio da prática de suas *apresentações*. Isso leva-nos a perguntar até que ponto essas apresentações foram para ele o lugar de um ensino que alimentava a pesquisa realizada ao longo de seu seminário.

Todo mundo se recorda do famoso quadro entronizado sobre o divã de Freud. Trata-se de uma apresentação de pacientes na Salpétrière, sob a direção do Professor Charcôt. Podemos supor que Freud desejava lembrar-se do início de sua escuta da neurose histérica naquela encenação clássica da medicina hospitalar francesa. Freud assistiu às apresentações clínicas de Charcôt, mas nem por isso dedicou-se a essa prática — não era seu estilo. Ele preferiu apresentar casos redigidos, em suas *cinco psicanálises*, graças aos quais podemos estudar a clínica freudiana. Lacan, por outro lado, não hesitou em retomar a tradição de seus mestres, mas dando-lhe uma direção prática que lhe imprimiu seu verdadeiro selo de qualidade.

A apresentação é uma encenação. Ela permite que o paciente dê a suas dificuldades existenciais a dimensão de um drama que interessa a seus semelhantes. Essa relação entre o sofrimento de cada um e a atenção de outros constitui a essência do que os psicanalistas chamam de *sintoma*. Por isso, a presença de um público durante a entrevista do paciente com o analista não só não se constitui como um obstáculo, mas pode até ser considerada um elemento essencial ao dispositivo. A um paciente que se mostrou preocupado com essa presença, Lacan respondeu: *São pessoas escolhidas, que se interessam pelo que está acontecendo a você*. Essa resposta parece-me importante, pois introduz a noção de *interesse*, isto é, uma escuta na expectativa de um saber. Não se trata de um público que sabe antecipadamente, mas de um público que vem para aprender alguma coisa com o paciente, ou seja, o paciente é o suposto saber.

Portanto, a apresentação é a oportunidade dada a um paciente que viveu uma experiência inefável para transmitir um saber a outros que se interessam. Essa transcrição tem por si só um caráter terapêutico, pois restaura um elo no lugar em

que uma experiência inaugural isolou o sujeito de seus congêneres.

Na época em que Lacan se dedicava a essa prática, a apresentação era uma demanda dos médicos do hospital endereçada ao famoso analista, por efeito de uma transferência, ou seja, de uma suposição de saber. Por outro lado, havia um público em busca de ensino. O paciente encarnava de bom grado o objeto da demanda dos médicos e Lacan agia de modo a que o paciente ficasse no lugar do ensino. Certamente, Lacan oferecia seu *savoir faire*, mas, em última instância, o verdadeiro saber em questão deveria surgir do encontro, do lado do paciente. O caráter aleatório desse encontro acrescentava-se à dimensão, de ordinário trágica, dessa encenação e sublinhava a especificidade da presença do analista, que sabia provocar a entrada em cena do sujeito enquanto inconsciente. Todos aqueles que participaram das apresentações do Dr. Lacan, de um lado ou de outro da cena, ficaram profundamente marcados pela intensidade desse encontro.

A meu ver, para tentar delimitar a posição de Lacan, psicanalista, face ao sujeito psicótico, a melhor solução seria uma referência a suas famosas apresentações. Lacan oferecia-se em espetáculo em seu papel de psicanalista. Todos aqueles que a partir de então praticam a apresentação clínica podem dizer que, nesse exercício perigoso, é o analista que está na berlinda, é ele quem está sob nosso olhar. É preciso acrescentar que outro personagem em questão nesse exercício é o médico hospitalar que propõe a apresentação. Seu diagnóstico e a direção dada por ele ao tratamento podem ser recolocados em questão ao final da apresentação, e o exercício de apresentação não teria razão de ser se o médico não pedisse nada ao analista e se contentasse em entregar um espécime a um hábil apresentador de ursos para testar suas habilidades. Convidado por uma equipe técnica que lhe supunha um saber, Lacan revertia a situação em suas apresentações, colocando o paciente nesse lugar. Assim, podíamos assistir a uma cena em que Lacan se submetia à lógica de um encontro singular. Freqüentemente, era ao preço dessa submissão que ele obtinha o que queria, ou seja, o testemunho mais justo possível da experiência subjetiva da psicose, principalmente no que concerne à relação do sujeito com a palavra.

Todos nós lemos a vinheta clínica relatada por Lacan em seu seminário sobre as psicoses: é um extrato de uma de suas apresentações, mostrando a estrutura de um fenômeno elementar em que uma jovem ouvia a voz do vizinho chamando-a

de *Porca!* Nesse dia, Lacan havia conseguido que a jovem lhe dissesse como havia recebido essa mensagem. Ela relatou que imediatamente antes de ouvir o insulto havia comentado com o vizinho: *Eu venho do salsicheiro.*

Em "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", Lacan menciona a experiência dessa apresentação e o achado que dela resultou. Ele escreve: "Dizemos que semelhante descoberta só pode ser ao preço de uma submissão total, ainda que seja premeditada, às posições propriamente subjetivas do paciente...".[1] Com isso, Lacan quer dizer, e o demonstra nesse exemplo, que essa submissão não significa absolutamente que seja preciso deixar-se colocar no lugar atribuído pelo sujeito psicótico, o lugar do outro, do semelhante que é confundido com o lugar de onde isso fala dele, e portanto o lugar de onde compreendemos tudo, de onde ouvimos tudo, mesmo quando o sujeito nada disse. O psicótico não tem a menor necessidade de que o compreendamos. Ele já sofre o suficiente porque isso toma nele a aparência de adivinhação do pensamento. Para recolher essa experiência, Lacan evita compreender depressa demais e não se coloca no lugar de interlocutor, daquele que compreende até o que é dito em meias palavras. Lacan fica mais como uma testemunha, um terceiro, ao lado do paciente, levando em conta sua posição na estrutura da comunicação.

[1] Lacan. Question préliminaire..., p.534.

Paralelamente a esse conhecido exemplo de apresentação citado nos *Escritos*, há outras apresentações às vezes exemplares, como a que apareceu no primeiro número do *Analiticón*, com o título "Una psicosis lacaniana".

Essa apresentação ocorreu em fevereiro de 1976, no momento em que Lacan dava seu seminário sobre o *Sinthome*, essencialmente dedicado à psicose através da obra de James Joyce. No fundo, é um seminário que retoma a questão preliminar sob um novo ângulo. A psicose é então descrita como um furo no nó borromeu entre Real, Simbólico e Imaginário. Mais precisamente, Lacan demonstra que, na psicose, é o pai como sintoma — isto é, como quarto termo — que falta para fixar o nó entre os três registros.

Toda a questão desse seminário gira também em torno da questão de quem é louco e quem não é: o que faz a diferença entre o psicótico e o sujeito dito normal? Vemos que essa questão realmente perseguia Lacan. E porque Lacan não recuou diante dela, pôde servir-se da psicose como ensinamento incontornável concernente às relações do ser falante com a linguagem. Somente o psicótico pode nos ensinar alguma coisa

sobre a estrutura que nos encerra nisso que é para nós a melhor e a pior das coisas: a língua. Veremos como Lacan consegue extrair esse ensinamento da boca de um paciente que lhe apresentamos.

Portanto, decidi examinar o texto dessa apresentação como um documento clínico da prática de Lacan. Esse documento permite ver como ele dirigia a entrevista com o paciente que lhe trazíamos. Nada tem de uma entrevista não-diretiva, mas essa era a moda nos anos 70. Lacan dirigia a entrevista; não embarcava em todos os impasses propostos pelo paciente. Tampouco se deixava conduzir a esmo e veremos como ele, às vezes, insiste para tentar retomar o caminho certo a fim de evitar derivas e esperanças perigosas.

A entrevista começa com um convite firme de Lacan ao paciente, Sr. P., que não está muito decidido a falar.

Lacan: *Fale-me de você. Não vejo por que não falar; você sabe bem o que lhe acontece.*

Sr. P. responde: *Não vim para me identificar.* E se perde em explicações a respeito de uma *divisão* que ele percebe entre o mundo imaginário e o mundo real. Lacan interrompe, sem rodeios:

Lacan: *Fale-me de seu nome.* O Sr. P. diz, então, como ele divide seu sobrenome e o primeiro nome em dois, o que faz com que se entenda assim, mas nem por isso, ainda que seu nome o diga, ele está identificado com a exceção. [E diz:] *Prime au geai rare*[2] (Gérard Primeau). Evidentemente, nós que lemos isso sem ter ouvido aquele que o enunciou, temos vontade de rir. É um homem que confessa se tomar por *avis rara.* Lacan contenta-se em sublinhar:

[2] N.T.: *Geai* quer dizer *gaio*, a ave. *Rare* = raro ou rarà.

Geai rare... Mas evita qualquer comentário. Faz de conta que não entende. Isso permite ao Sr. P. não se perder num abismo aberto pelo equívoco, e sim fazer um encadeamento a propósito dessa divisão criada pelo nome "feito em pedaços". Essa divisão profunda encontra-se em seu sistema de pensamento. Ele explica a Lacan que seus pensamentos são articulados em duas partes, duas proposições que se correspondem. A primeira proposição é uma *frase imposta*, a que ele chama também de *emergente* porque emerge em sua cabeça, mas ele não sabe de onde vem. Ele acredita que é imposta por alguém, mas não sabe por quem. Essa frase imposta é seguida de uma reflexão que ele reconhece como sua e à qual chama *refletida*, pois é fruto de sua reflexão. As duas proposições, *emergente* e *refletida*, são articuladas por um *mas*.

Querem monarquizar meu intelecto mas a realeza é vencida.

Lacan lhe pede esclarecimentos, exemplos para ilustrar esse fenômeno do pensamento dividido em palavras impostas e palavras refletidas, procurando isolar o fenômeno elementar que, nesse paciente, complica-se em seguida, tomando a forma de um delírio de telepatia.

Nesse traço da divisão entre *palavra imposta* e *palavra refletida*, Lacan reconhece a *psicose lacaniana*. Esse ponto será comentado na sessão seguinte de seu seminário, em 17 de fevereiro de 1976, quando ele diz: "Como é que não sentimos que as palavras de que dependemos nos são sempre impostas? É nisso que aquele a quem chamamos de *paciente* às vezes vai mais longe do que quem chamamos de *um homem saudável*. A questão principal é saber por que um homem dito *normal* não percebe que a palavra é um parasita!" Porque alguns "chegam a sentir?"

Essa questão de Lacan remete-nos a seu seminário do ano de 1956, sobre as psicoses. Releiam a aula de 25 de janeiro de 1956. Lacan critica a idéia clássica de que o inconsciente cifrado no sintoma neurótico está a céu aberto no fenômeno psicótico. Certamente, observamos na psicose fenômenos que revelam a existência de uma frase simbólica sempre pronta a emergir de forma parasita no psiquismo do sujeito. Mas isso é o inconsciente?

Essa frase simbólica atesta essencialmente que, para cada um dentre nós, todos os significantes preexistem ao fato de que podemos articulá-los. Supomos que o Outro os articulou antes de nós e, quando essa frase simbólica emerge em um lapso, em um sonho, no curso de uma associação surpreendente de idéias, esforçamo-nos para lhe dar sentido, o sentido do discurso do Outro, pois isso é o inconsciente freudiano.

Como fazíamos antes da invenção da psicanálise? Simplesmente imaginávamos que essa frase insensata era uma mensagem da divindade local. Era a bendita época dos oráculos. As pessoas deslocavam-se de longe para consultar o oráculo de Delfos, proferido pela pitonisa inebriada, sentada em um tamborete em um ar saturado de vapores sulfurosos, e suas sugestões de ébria serviam para orientar as melhores estratégias nos planos de batalha simplesmente porque lhes atribuíam a significação de mensagem divina. Quando pensamos nisso, vemos que só podia funcionar na condição de uma suposição mínima de que a divindade devia, forçosamente, ser benevolente. Mas esse não é justamente um dos traços que caracterizam o Outro do neurótico? O Outro querer seu bem é o que o distingue da força simbólica cega que acomete o psicótico, e que não merece nem amor nem respeito.

Voltemos à nossa questão. Antes de qualquer suposição de uma mensagem do Outro, ou para além de qualquer suposição de um sentido, é preciso admitir que o simbólico articula-se por si mesmo. Os significantes podem associar-se em cadeia, seja por elos puramente lógicos, como podemos ouvir o sujeito autista proferir — é o real da linguagem — seja por homofonias puramente contingentes. Em suma, os significantes copulam em nossa cabeça sem que prestemos atenção. O fato de estarmos um pouco atentos pode nos dar o sentido da réplica e do chiste. Mas não se pode esquecer que o chiste não é um puro não-sentido; o chiste serve-se do não-sentido para fazer ouvir um sentido interditado, um sentido oculto, e por isso não pode ser concebido sem mobilizar o inconsciente.

Ora, o que é o inconsciente senão um nó de significações que dá amarração ao desfile automático da *modulação contínua* de significantes que passam pela nossa cabeça sem que prestemos atenção? O inconsciente assinala a emergência da *modulação contínua*, mas faz dela um oráculo, isto é, algo a ser interpretado. Na psicose, pelo contrário, essa modulação contínua emerge destituída de qualquer intenção de significação, ou seja, destituída do Outro.

É preciso saber distinguir entre o Outro e o Simbólico. Certamente, o Outro é o lugar simbólico onde o sujeito situa o código de suas mensagens. Mas o Outro é especificado pelo furo do simbólico que toma o valor de um desejo suposto que concerne ao sujeito. O Outro não é simplesmente o lugar do código simbólico, mas uma instância que personificamos, ou seja, à qual atribuímos uma intenção de significação, o suporte de um desejo que não é anônimo e nos é endereçado.

Retomando essa noção de *modulação contínua*, que o Sr. P. confirma com súas *frases impostas, emergentes*, podemos dizer que é uma emergência do simbólico, mas não uma mensagem do Outro. Para haver uma mensagem do Outro, seria preciso uma invenção que o Sr. P. não pode fazer. Ele tenta se opor às frases, completando-as diretamente por meio do que ele chama de *frases refletidas*, mas isso não basta para delimitar uma intenção de significação vinda do Outro. Durante a entrevista, ele confia a Lacan que em alguns momentos teve a idéia de que suas frases emergentes eram como perguntas que lhe faziam, e às quais devia responder para *salvar a França do fascismo*, mas esse início de delírio de missão não foi mantido. Por isso, as frases impostas evoluíram para um fenômeno de telepatia. O Sr. P. confia a Lacan que é *telepata emissor*.

Lacan: *Você é emissor?*

Sr.P.: *Talvez você não me entenda.*[3]

Lacan: *Não, eu entendo muito bem, você é um emissor telepata. Em geral a telepatia é da ordem da receptividade, não? A telepatia lhe avisa do que vai acontecer?*

Sr.P.: *Não, isso é vidência. A telepatia é a transmissão do pensamento.*

Lacan: *Então, a quem você transmite?*

Sr.P.: *Eu não transmito nenhuma mensagem a ninguém. O que se passa no meu cérebro é escutado por certos receptores telepatas.*

Lacan: *Por exemplo, eu, sou receptor?*

Sr.P.: *Não sei.*

Lacan: *Eu não sou muito receptor porque é evidente que duvido do seu sistema. As perguntas que lhe fiz provam que é justamente de você que espero explicações...*

Pouco depois, o Sr. P. confia a Lacan que, por momentos, tem a impressão de que seus pensamentos são transmitidos pelo rádio ou pela televisão. Ele escuta ou assiste a um programa e, de repente, ao perceber um sinal qualquer, um riso, uma mudança de tom, uma frase inesperada, tem a certeza de que os apresentadores do programa escutaram seus pensamentos e que, assim, todo mundo os ouve também. Todo seu sistema de pensamento é dessubjetivado, despersonalizado. Ele não apenas recebe as mensagens impostas de lugar nenhum, mas seus próprios pensamentos refletidos são disseminados, por telepatia, pelo universo inteiro.

Tudo isso nos leva a pensar que há uma completa foraclusão do Outro para esse paciente. Não há meio de elaborar uma metáfora paranóica estável. Por isso Lacan não foi muito otimista quanto a esse sujeito. Ao final da apresentação, ele disse ao auditório: "Não estou muito otimista quanto ao futuro desse rapaz. Ele tem a impressão de que as frases impostas se agravaram. A sensação que ele chama de *telepatia* é uma passagem posterior. Por outro lado, há a sensação de ser observado, que lhe provoca desespero. Não sei como ele vai sair disso...".

É nesse ponto que ele inicia a sessão de 17 de fevereiro de seu seminário, destacando como é insùportável para esse paciente não poder guardar segredos. Seguramente, foi isso que motivou sua tentativa de suicídio, única ocasião em que suas frases impostas designam como um *assistanato sujo*, ou *sujo assassinato político*. É o real da língua que aproxima *assistanato* e *assassinato*, mas o Sr. P. nada sabe dizer a respeito desse equívoco. Ele reconhece que pode ser um jogo de palavras,

[3]N.T.: No original: *Peut-être ne m'entendez-vous pas*. Lacan responde: *Non, je vous entends très bien... Entendre*, "ouvir, escutar", também quer dizer "entender, compreender"; portanto, no contexto do discurso (a telepatia), o duplo sentido do verbo pode estar indicando várias dimensões de escuta e/ou entendimento. Ver, logo em seguida, por exemplo, quando Lacan pergunta se é receptor e o paciente diz que não sabe".

mas não lhe confere nenhum sentido particular. De sua parte, não há nenhuma conjectura. Lacan evita sugerir qualquer significação.

Podemos dizer que suas *palavras impostas* são uma espécie de *assistanato sujo*, uma assistência que ele preferiria não ter, e diríamos também que essa experiência é muito próxima à do Presidente Schreber, que falava de *assassinato da alma*. Mas essas nossas associações, que Lacan também devia ter em mente, não teriam sido de qualquer ajuda para o Sr. P. Lacan contenta-se em indicar-lhe uma possível subjetivação.

Na primeira vez em que o Sr. P. fala em assassinato, Lacan lhe pergunta: *Diga-me, nós não assassinamos você?* (A transcrição indica que é uma interrogação.) Pouco depois, Lacan faz uma sugestão, ao dizer: *Essas frases que o atravessam explicam seu assassinato; é mais ou menos o que você mesmo dizia há pouco...*". Isso pode ser entendido de duas maneiras: "se as frases o atravessam assim, é porque nós *monarquizamos*, matamos seu intelecto", onde Lacan faz referência ao vivido subjetivo do paciente; ou, entendido de maneira mais simples: "é porque essas frases impostas lhe são insuportáveis que você tentou assassinar a si mesmo". Nos dois casos, trata-se de reenviar o significante imposto ao paciente a uma elucidação de sua experiência subjetiva. Ao me perguntar por que Lacan insistiu tanto nesse ponto, percebi que esse *assistanato sujo / assassinato político* eram das únicas palavras impostas que o Sr. P. não havia conseguido articular com uma reflexão própria.

O esforço de Lacan visava, talvez, a não deixar o paciente na perplexidade angustiante desencadeada por essa emergência, e a indicar-lhe que tinha a suposição de um lugar de sujeito nesse caso. No fundo, é a mesma estratégia que consistiu em lhe dizer: eu não o compreendo por telepatia e, se faço perguntas, é porque "*é de você que espero explicações*".

Tocamos aqui em um ponto essencial, que ilustra também o interesse terapêutico das apresentações tal como foram reeditadas por Lacan. É a ocasião para o paciente tentar dar seu testemunho de uma experiência que ele não pôde subjetivar até então. A encenação do encontro um pouco solene do paciente com o Dr. Lacan o incentivava a fazer essa tentativa. Da mesma forma, o famoso analista desloca-se e também faz uma tentativa de arrumar um lugar para a subjetividade do paciente. Não se trata absolutamente de um caso que traz mais conforto à sua brilhante teoria, mas de aguardar um testemunho subjetivo que faz avançar a teoria. Temos a comprovação na sessão de 17 de fevereiro de 1956 do seminário *Le sinthome* —

a sessão seguinte à apresentação do Sr. P. — quando Lacan apóia-se nesse testemunho para analisar o comportamento de Joyce com relação à sua filha Lucia, notória esquizofrênica. Lacan interroga-se por que Joyce a toma seriamente por uma *telepata*: "Em vista desse paciente cujo caso considerei na última vez em que fiz o que chamo minha *apresentação* em Saint Anne, o fato de que Joyce tenta defender sua filha Lucia ao dizer que ela é uma telepata me parece certamente indicativo. Indicativo de alguma coisa... que é o ponto que designei como a carência do pai". Em outras palavras, é principalmente a partir do testemunho do Sr. P. que Lacan avança no diagnóstico de psicose de Joyce, o que não é pouca coisa.

TRADUZIDO POR ANGELA LOBO DE ANDRADE.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. Question préliminaire... In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Le Champ Freudian, Editions du Seuil, 1966.

resumo

Dr. Jacques Lacan nos transmitiu uma clínica, e principalmente um *savoir faire* com relação à psicose, através de suas famosas apresentações, das quais guardamos certos traços, além de algumas referências que encontramos em seu seminário. Comentamos aqui uma de suas apresentações, que o mostra diante de um sujeito que padece de se sentir *telepata emissor*. Essa grande lição clínica é também um testemunho de uma fonte de ensino teórico, pois é graças aos ditos desse paciente sobre a telepatia que Lacan deduziu a psicose de James Joyce, especialmente em sua relação com a filha esquizofrênica, cujo dom de telepatia era endossado por Joyce.

abstract

Through his famous presentations, from which we keep some traces, as well as references found in his Seminars, Dr. Jacques Lacan left his legacy in clinical practice and his *savoir faire* in relation to psychosis. This article discusses one of his presentations, in which Lacan relates the case of a patientwho claimed to be a sender of telepathic messages. Furthermore, this great clinical lesson reveals a source of theoretical teaching: Thanks to the statements on telepathy made by this patient, Lacan was able to deduce James Joyce's psychosis in his relationship with his schizophrenic daughter, whom Joyce believed was telepathic.